



CRISÁLIDA – O LIBERTAR DA IMAGINAÇÃO CRIADORA

Elisa Guimarães*

O grupo de estudo e pesquisa sobre Criatividade e Inovação na Arte, na Ciência e no Cotidiano, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), leva a bom termo este último livro da trilogia *Crisálida – o despertar da criatividade*, *Crisálida – o desvelar da criatividade* e *Crisálida – o libertar da imaginação criadora*.

A crisálida, que foi traçando e colorindo o percurso da pesquisa, transfigura-se, nesse derradeiro exemplar, em bela e soberba borboleta. Foram muitos os voos que a conduziram até aí. Nesses voos, um grupo de professores pesquisadores e alunos do programa, coordenados pela professora Regina Giora, compraz-se em seguir diferentes atalhos brotados da estrada principal – o processo da criatividade.

Em rica variedade de pontos de vista, os autores exploram o poder criativo do homem, acentuando que a verdadeira arte não é opressora, senão sinônimo de liberdade. Assim, os 23 ensaios que compõem a obra, repletos de achados em matéria de conceitos, imagens e cores, revelam o interesse dos autores em desvendar e apresentar, por meio da matéria-prima que andaram garimpando, as múltiplas feições da criatividade. Trata-se, pois, de um projeto que se inscreve num horizonte de vasta abrangência.

Olhos observadores, de mirada prolongada e profunda, espiando para além dos limites de um horizonte imediato, fixam-se numa multiplicidade de visões, de efeitos decorrentes da potencialidade criativa.

E o leitor passa a desfrutar do deleite de uma leitura que invade diferentes searas – todas elas, no entanto, sediadas no mesmo terreno – o da criatividade.

Nessa longa dimensão, exploram-se fatos, tais como o que se opera no Salão Internacional de Humor de Piracicaba, para onde, anualmente, autores de todo o mundo enviam exemplares de sua criação; a Associação Comunitária Monte Azul, que empresta sentido à vida, quando se associam valores criativos de iniciativa pessoal e de vida comunitária social. "Evo-luir e compartilhar são propósitos magnos que expandem a ação criativa"; a Universidade

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Aberta ao Tempo Útil (UATU) – onde se enfatiza a importância do criar, o sentimento de que viver implica um aprendizado eterno; a ONG da Gastronomia Solidária que, na Paróquia de São Domingos, em Perdizes, incentiva a criatividade nas produções dos participantes; a transformação de Hong Kong, principalmente no setor de economia, graças à excepcional criatividade de seu povo.

Vários outros ensaios articulam o poder criativo com as virtualidades da educação, enfatizando-se, por exemplo, o funcionamento da Educação Básica no Brasil – sistema que desencadeia, entre outras prerrogativas, a criatividade que liberta.

Nesse mesmo ritmo, insiste-se sobre a "pedagogia da sensibilidade", tendente a despertar no aluno a facilidade de expressão de pensamentos e de sentimentos – expressão conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Em outro momento do livro, louva-se a ação das mulheres protestantes metodistas, bem como a das presbiterianas e batistas, no processo da educação brasileira – atividade renovadora do ensino particular, assim como transformadora das propostas educacionais em São Paulo – fato ocorrido entre as décadas finais do Império e a primeira década da República.

Pergunta-se ainda no campo da educação: "Será que os professores pensam em despertar a criatividade, a provocação, a sensibilidade, o humor e o entendimento dos alunos? A inquietação é ponto de partida para a criatividade".

O projeto "Arte em Cena", desenvolvido na Escola Estadual Plínio Barreto, bairro da Mooca em São Paulo, desperta no aluno o interesse no sentido de imaginar e criar personagens.

Outros ensaios ampliam o leque dos espaços marcados pela criatividade. Assim, dá-se ênfase à presença do juízo perceptivo nos designers, em que se concretiza, com especial relevância, o exercício da imaginação consubstanciado em experiência criativa. Evoca-se um painel como um constante "vir a ser" da Biblioteca Regional de Medicina (Bireme) – instituição que "contém memória e quer permanecer no tempo".

Atribui-se ao sucesso da Olisipo (designação original de Lisboa) – empresa de tecnologias de informação e comunicação – ao fato de se definir como empresa colaborativa "que potencializa a criatividade individual, transformando-a em inovação rentável".

Processos criativos representam-se também em contextos organizacionais e administrativos das empresas. Estas, como postula outro dos ensaios, podem ser tão criativas quanto um artista. As decisões a serem tomadas por um economista administrador ou estrategista financeiro exigem alto índice de criatividade.

Ainda outros ensaios aplicam-se a reflexões em torno do consórcio arte/criatividade – do que decorrem expressivos e belos efeitos. Nessa linha de investigação e raciocínio, explora-se a questão da iconoclastia – "forma de linguagem visual que utiliza imagens para representar determinado tema". Tem-se em mira modificações operadas nas produções artísticas – ocorrência que se efetivam com frequência nos movimentos de vanguarda.

A exploração do vitral como obra de arte, conforme um dos ensaios, remete à chegada ao Brasil de Conrado Sorgenicht – originário de Essen – região ao norte da Alemanha, famosa por suas catedrais góticas, embelezadas pela luz e colorido dos vitrais. Sob essa inspiração, entre 1889 e 1989, foram criados no Brasil mais de 600 conjuntos de vitrais.

Ainda nas águas da arte, há um mergulho nos efeitos da consonância entre o processo inovador da criação artística e o perpétuo diálogo com a tradição. Da inspiração desencadeadora da citação – da metacriatividade – recolhe-se a expressão máxima da resignificação da obra de arte.

Do exposto, pode-se concluir que, nessa obra magistralmente organizada pelo admirável zelo da professora Regina Giora, a criatividade funciona como módulo segundo o qual o livro inteiro se estrutura. A disciplina intelectual dos autores alinha-se em torno desse núcleo – centro impulsor das ideias, ponto de convergência das significações, em que todas elas se decifram mutuamente. Nesse conjunto de interesses, um foco privilegiado se faz notar: o valor ímpar do trabalho de um grupo tendente a iluminar a questão da criatividade. Um grupo que se constitui de docentes e discentes infensos ao intermédio de hesitação entre situar-se cá ou lá. Trabalham juntos, inspirados pela musa do profissionalismo. É por certo desse congruamento acadêmico que se consolidam as bases da ciência e da cultura.

Enfim, a força do livro que tenho o prazer de resenhar, ou melhor, da trilogia por ele arrematada, reside em grande parte numa espécie de convite aliciante para a reflexão sobre o peso da criatividade no contexto das ações humanas, sobre as caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva.

GIORA, R. C. F. A. (Org.). *Crisálida: o libertar da imaginação criadora*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2013. 272 p.